

apresenta um fato importante: é o caso da entrevista concedida, em 1905, por Bernardino de Campos a Alcindo Guanabara que, além de jornalista de nomeada, era deputado federal, e publicada em *O País*. A idéia fora de João Laje: Bernardino divulgaria seus planos de governo, já praticamente escolhido candidato à sucessão de Rodrigues Alves. A entrevista teve colorido sensacional, pelas idéias que divulgava e que, incompatibilizando o candidato com as forças políticas dominantes, inutilizou sua candidatura. Nos meios literários, a nota será oferecida, em 1908, pela empáfia com que Osório Duque Estrada assume a seção de crítica literária do *Correio da Manhã*, que José Veríssimo impusera, antes, como a mais destacada da imprensa brasileira. Osório dirá, mais tarde: "O Registro nasceu da necessidade de reação contra o aviltamento a que havia chegado a crítica literária de jornal"<sup>(249)</sup>. O novo crítico, espécie de guarda-noturno das letras e sem qualquer senso de escala de valores, aferrado a aspectos gramaticais, permaneceu naquela seção do *Correio da Manhã* até 1914; em 1915, passou a fazer a mesma seção no *Imparcial* e, por último, desde 1921, no *Jornal do Brasil*. A 1ª de novembro de 1909, o *Jornal do Comércio* fazia circular a sua edição vespertina, que durou até 1ª de abril de 1922, dirigida por Vitor Viana.

As grandes figuras da imprensa da segunda metade do século XIX desapareciam: Ângelo Agostini morreu a 23 de janeiro de 1910, com 67 anos, 51 vividos no Brasil; sua última revista, o *Dom Quixote*, acabara em 1903; era apenas colaborador de publicações alheias, a imprensa industrial não se compatibilizava com tipos como o do terrível e grande abolicionista. Artur Azevedo já não era do número dos vivos; falecera a 22 de novembro de 1908. A imprensa atravessava uma fase nova, realmente: a *Cidade do Rio*, de Patrocínio, deixara de circular em 1902, tendo durado um lustro; apareciam revistas efêmeras, na maior parte dos casos humorísticas, como *O Coiô* e *O Nu*, de 1901, *O Tagarela* e *O Gavroche*, de 1902, *O Pau e Século XX*, de 1905, *O Mês*, de 1906; *Tam-Tam* e *O Diabo*, de 1907, *O Degas*, de 1908, *O Trapo*, de 1909, *O Filhote da Careta*, de 1910. Prosseguiram a *Revista da Semana*, de 1900, *O Malho*, de 1902, *Leitura Para Todos*, de 1905, *O Tico-Tico*, também de 1905, *Fon-Fon*, de 1907, *Careta*, de 1908, a *Ilustração Brasileira*, de 1909, *O Século*, de 1916. Duravam pouco, *A Avenida*, que circulou entre 1903 e 1905, com breve repiquete em 1906; *Kosmos*, que durou de 1904 a 1909; *Figuras e Figurões*, que circulou apenas em 1905, reaparecendo entre 1913 e 1914. Não foi fundado nenhum grande jornal, além dos já indicados; o mais importante foi o *Cor-*

(249) Osório Duque Estrada: *Crítica e Polêmica*, Rio, 1924, pág. I.